

Doutoramento Honoris Causa do Professor Immanuel Wallerstein

É para mim uma grande honra ter oportunidade de «apadrinhar» o primeiro doutoramento Honoris Causa concedido pelo ISCTE e isso também, muito em particular, pela circunstância de a personalidade por nós convidada para esse efeito ser o Prof. Immanuel Wallerstein, com o qual mantenho, há largos anos, uma relação pessoal e intelectual que muito prezo. Essa relação, aliás, só se estabeleceu depois do 25 de Abril, quando Portugal ficou, por momentos, no centro das atenções do mundo inteiro, particularmente daqueles intelectuais interessados na teoria e na prática dos processos ou de Progresso possíveis para a Humanidade no seu longo percurso histórico.

Sou professor «decano» do ISCTE no sentido de ser o professor mais antigo em exercício. Por vezes, explico por brincadeira aos meus colegas que isso não significa necessariamente ser o mais velho em idade – mas na realidade também não ando longe disso... Refiro o facto porque conheço, de saber vivido, a história do ISCTE como mais nenhum dos meus colegas, dada esse minha triste condição etária. Por isso mesmo, não tive qualquer hesitação em propor o nome do Prof. Wallerstein para nosso primeiro doutoramento *honoris causa* e tive a satisfação de verificar que a proposta foi unânimemente aceite pelo conselho do ISCTE.

É assim que o meu propósito nestas palavras vai ser o de justificar a escolha feita, tendo em perspectiva a história do ISCTE, mais do que apresentar uma personalidade de renome mundial, obviamente bem conhecida e respeitada por todos nós.

Claro que vou expôr-vos uma visão pessoal a história e não pretendo que essa interpretação tenha a mesma anuência unânime dos colegas que a proposta do nome do Prof. Wallerstein justificou. Mas confesso que julgo ter algum direito, alguma legitimidade, e não só por antiguidade na carreira, para me abalançar a tal interpretação e tal confronto.

Pretendo pois esboçar um paralelo entre a obra do Prof. Wallerstein e a leitura que faço daquilo que tem de melhor quer a história, quer o possível futuro, do ISCTE como universidade centrada nos «estudos sociais».

O ISCTE prolongou a experiência de uma anterior escola designada por Instituto de Estudos Sociais (IES), criada no âmbito do Ministério das Corporações e previdência social, ministério que se extinguiu em 1974, juntamente como regime que o criou. Fui também professor desse instituto, desde a sua fundação, em 1963. A nova instituição, nascida em 1972, que sucedeu ao IES, foi baptizada de «instituto superior de ciências do trabalho e da empresa», donde derivou a bizarra sigla ISCTE, a que com dificuldade nos habituámos.

Sigla, aliás, já traduzida por alunos nossos, mais ou menos, em ISTOOQUEÊ, interrogação que a meu ver mantém ainda hoje toda a pertinência... Considero, apesar de tudo, que a sigla ISCTE tem, pelo menos, uma vantagem: mantém algum mistério sobre a nossa identidade, o que poderá ser considerado como sinal de juventude!

A história a que aludo manifesta a grade resistência do regime ditatorial que tivemos em Portugal até 1974 aos «estudos sociais», em particular no campo da sociologia e dos problemas do trabalho, resistência só esmorecida quando o regime se aproximava do seu termo.

Quando foi criado o IES, o tal antepassado do ISCTE, a palavra sociologia era tão subversiva em Portugal como a palavra socialismo. Com razão ou sem ela, a «sociologia» era considerada pelo poder político bem mais ameaçadora do que a «economia».

Não vou prolongar esta digressão por um passado ainda vivo na memória de alguns de nós, mas apenas recordar que o ISCTE vem de um trajecto em boa medida subversivo, porque o poder considerava (justamente) que o nosso ensino seria necessariamente crítico da ordem económica, social e política que então existia em Portugal.

Temas como economia do trabalho (cujo ensino se fez pela primeira vez em Portugal no IES e por onde iniciei a minha carreira académica), direito do trabalho e várias disciplinas no âmbito da sociologia, são abordados de forma inovadora e crítica pelo nosso instituto no Portugal dos anos 60 e 70.

Aqui surge, considero eu, um primeiro ponto de encontro entre o ISCTE e a obra do Prof. Wallerstein: a sociologia ou investigação social, não como apologia ou ideologia do *status quo* mas como crítica aprofundada e exigente «do que está», procurando também compreender o «de onde vem» e de algum modo vislumbrar futuros que «estão para vir».

Deixem-me demorar um pouco nesta questão essencial das trajectórias, das histórias e da História.

Trata-se, afinal, de ligar numa perspectiva coerente a pesquisa do que somos ao de onde vimos e para onde vamos.

Um dos aspectos para mim mais fascinantes na obra do Prof. Wallerstein – não é certamente por acaso que o centro que dirige a Universidade de Nova Iorque em Binghamton se designa por Fernand Braudel Center for the Study of Economics, Historical Systems and Civilizations – é a procura, cientificamente fundamentada, da inteligência, do entendimento, do fluir da História e, em particular, do capitalismo na sua longa trajectória histórica, progressivamente mundializada, num sistema dotado de centro, periferia e semi-periferia.

Isto, ao mesmo tempo que se questiona a natureza do próprio conhecimento científico e se põe em causa a fundamentação «científica» das diferentes componentes disciplinares das chamadas Ciências Sociais. Sem todavia cair em discursos fáceis sobre interdisciplinaridade ou multidisciplinaridade.

Um sedutor e ambicioso mega-projecto intelectual, como é evidente e que contraste com a atitude intelectual, certamente respeitável, dos investigadores mais tranquilos e artesãos – nalguns casos, por ventura também mais mercantis – modestamente entretidos em micro objectos de pesquisa.

Pessoalmente, talvez por nata impaciência e um impulso de juventude que sempre me provocou uma insaciável curiosidade pelo mundo que me cerca, aliada a uma percepção muito aguda de que a vida é demasiado curta para amarrarmos o nosso olhar no detalhe, sempre recorro, a este propósito, uma feliz alegoria de Chesterton. A alegoria sobre os cegos cercado e tocando o elefante que não podem ver: tactear a tromba, roçar pelo extenso e aguçado dente, ou encostar-se à imensa e robusta pata do enorme bicho, cada percepção isolada das restantes, permitirá seguramente as mais extraordinárias interpretações do animal, mas nunca a razoável e sensata percepção do bicho no seu todo.

A percepção do elefante, em suma.

O «bicho» ou «elefante» de que aqui me ocupo é o capitalismo desenvolvendo-se na história. Bicho maior que o elefante de Chesterton mas que tão diversas interpretações têm suscitado, como bem sabemos, de Marx e Schumpeter, Polanyi ou Wallerstein.

Entendimento do qual – acrescento eu, por minha conta e risco – é além do mais necessário ao entendimento da nossa própria condição humana, debatendo-se entre exigências contraditórias do ser e do ter, exigências socialmente condicionadas se não determinadas.

Que tem esse ambicioso projecto intelectual de Wallerstein e seus colaboradores do Braudel Center de Nova Iorque, projecto nada obsoleto e talvez mais actual do que nunca, a ver connosco, a ver com o ISCTE?

Arrisco-me, para já, a dizer que teve porventura mais no passado do que no presente; mas afirmo também que gostaria que algo desse passado se projectasse no nosso futuro e numa linha que poderia buscar inspiração no pensamento do investigador que hoje aqui consagramos.

Eu explico-me, em dois planos, por assim dizer.

O primeiro plano tem a ver com a área temática ou o objectivo da nossa investigação. O segundo respeita à abordagem ou metodologia. Claro que os dois «planos» estão intimamente relacionados entre si.

Penso que o melhor será transcrever *ipsis verbis* o pensamento do próprio Immanuel Wallerstein na sua contribuição para a obra colectiva editada por Giddens e Turner sob o título «Social Theory Today». A contribuição que referimos intitula-se «World – systems analyses».

Logo no início do seu texto, afirma Wallerstein:

«World – systems analyses is not a theory about the social world, or about part of it. It is a protest against the ways in which social scientific inquiry was structured for all of us at its inception in the middle of the nineteenth century (...) World systems analyses maintains that this mode of scientific inquiry, practiced world wide, has had the effect of closing of rather than opening up many of the most important or the most interesting questions». (sublinhado nosso).

E mais adiante, de forma categórica que certamente nos desafia a todos, neste universo de tantas «eternas» disciplinares, por vezes de difícil convivência, como sucede com as verdadeiras eternas, que é o ISCTE: *«The question before us today is whether there are any criteria which can be used to assert in a relatively clear and defensive way boundaries between the four presumed disciplines of anthropology, economics, political science and sociology. All the presumed criteria-level of analyses, subjects matter, methods, theoretical assumptions – either are no longer true in practice or if sustained, are barriers to further knowledge rather than stimuli to its creation».* (sublinhado nosso).

Creio que estas considerações são suficientes para o meu propósito inicial: justificar a escolha do Prof. Wallerstein para primeiro doutor *honoris causa* do ISCTE. Concordemos ou não, em todas as suas dimensões, com o seu estimulante e ambicioso projecto intelectual, somos inevitavelmente conduzidos – a um radical questionamento das nossas práticas de investigação e ensino. Somos, em fim, desafiados «Para cobrir as Ciências Sociais» sugestivo título do relatório elaborado por uma comissão internacional de cientistas, a que presidiu o Prof. Wallerstein, sob os auspícios da Fundação Calouste Gulbenkian de Lisboa.

Termino ainda com uma situação bem reveladora do autor, uma passagem da introdução ao primeiro volume de «The Modern World System», obra monumental do nosso homenageado, volume publicado em 1974. Após descrever etapas do seu itinerário intelectual, escreveu Wallerstein:

«Man's ability to participate intelligently in the evolution of his own system is dependent on his ability to perceive the whole(...) to the extent that we want a more egalitarian world and a more libertarian one, we must comprehend the conditions under which these states of being are realizable. To do that requires first of all a clear exposition of the nature and evolution of the modern world-system therefore, and the range of possible developments in the present and the future. That kind of knowledge would be power. And within the framework of my commitments, it would be a power that would be most useful to those groups which represent the interest of the larger and more oppressed parts of the world's population».

Fim de citação

Quod erat demonstrandum.